

O CENTENÁRIO DE EGON SCHADEN

Gileno Schaden Marcelino¹
Pedro Martins²
Tânia Welter³

Em 1953 o antropólogo Egon Schaden fundava o Anuário Staden, mais tarde renomeado como Anuário Martius-Staden, cujo objetivo era divulgar a produção científica sobre o Brasil entre o público de língua alemã. Em 2013, o Ano da Alemanha no Brasil, o Anuário completa 60 anos de existência ao mesmo tempo em que seu criador completa cem anos de nascimento. Recordar a trajetória de Egon Schaden em seu centenário de nascimento ajuda a compreender o próprio espírito do Anuário Martius-Staden e sua trajetória vitoriosa que registra 60 anos de comunicação do Brasil com o público de língua alemã.

No início do século XX o jovem Franz Schaden, contando apenas 17 anos, partiu de Leipzig rumo ao Brasil, em companhia dos pais, Franz e Mathilde. Em solo brasileiro o pai desiste da imigração e retorna à Alemanha – não se tendo mais notícias suas. O jovem Franz adota o nome de Francisco e segue com a mãe para Santa Catarina onde, em 1912, instala-se como professor de escola primária na localidade de Löffelscheidt, colônia criada por imigrantes alemães na metade do século XIX. Mathilde, que era parteira e enfermeira formada, exerce sua vocação prestando assistência aos moradores da região, função que desempenhará por toda a sua vida. Francisco conhece Catharina Roth, com quem se casa. Junto com um pequeno grupo de jovens pioneiros, Francisco sobe a encosta da Serra Geral rumo ao Alto Capivari onde fundam o povoado de São Bonifácio. No ano seguinte, 1913, nasce seu primeiro filho, Egon Francisco Willibald Schaden. Misto de agricultor, professor primário, agente público e cientista autodidata, Francisco Schaden dedica sua vida à construção da localidade de São Bonifácio e à criação de 11 filhos. Seu projeto de maior alcance, no entanto, foi a educação de seu filho mais velho. Antes mesmo de levá-lo à escola, onde foi seu aluno, Francisco tratou de ensinar tudo o que era possível ao menino Egon. Certo de que o filho não teria oportunidade de avançar nos estudos além do primário, Francisco estimulou o seu autodidatismo no aprendizado de ciências, línguas e na observação das culturas indígenas que circundavam a região e com os quais o próprio Egon, ainda menino, pôde ter contato.

Aos 12 anos Egon já estava fora da escola como aluno e atuava como professor de um curso noturno para alfabetizar agricultores adultos. Aos 14 anos esse destino, previsto pelo

¹ Gileno Schaden Marcelino é sobrinho-neto de Egon Schaden.

² Pedro Martins é antropólogo e professor da Universidade do Estado de Santa Catarina/UESC.

³ Tânia Welter é antropóloga e professora da Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS.

pai, foi alterado com a concessão de uma bolsa de estudos por parte do Governo de Santa Catarina que lhe permitiu cursar o ensino secundário no Ginásio Catarinense, escola jesuíta de alta qualidade, em Florianópolis. Lá se destacou, por cinco anos consecutivos, como o melhor aluno da escola, tendo sempre o pai como referência a lhe apontar caminhos. Fluente em diversos idiomas e com sua vocação antropológica despertada pelo pai e pelo contato com grupos indígenas, Egon Schaden chega a São Paulo em 1933, aos 19 anos. Matricula-se na Faculdade Paulista de Letras e Filosofia e inicia sua carreira profissional como professor primário. Egon Schaden, conforme lembra Antônio Cândido muito apropriadamente, era bilíngue de nascimento e transitava entre duas culturas. Era alemão e brasileiro, além de dominar outras diferentes línguas, o que lhe permitiu desde a mais tenra idade transitar entre diferentes espaços sociais e intelectuais. Essa condição marcou a sua trajetória e justifica todos os esforços feitos no sentido de aproximar Brasil e Alemanha, colocando-se também com desenvoltura nesses dois espaços.

Transferido em 1935 para a Universidade de São Paulo, Egon Schaden desenvolveu ali toda a sua formação acadêmica bem como a parte central de sua carreira profissional. Dos diferentes níveis da sua formação acadêmica resultaram três das suas principais obras. A tese de doutorado, concluída em 1945, trata da Mitologia Heroica de Tribos Indígenas do Brasil, sendo publicada pela primeira vez no ano seguinte (Schaden, 1946). Sua tese de livre docência, Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani (Schaden, 1954), é resultado da sua primeira grande pesquisa empírica, ao passo que sua tese de cátedra, Aculturação Indígena (Schaden, 1965) o conduz ao refinamento teórico segundo as ideias dominantes na época. Antes das teses, no entanto, Egon Schaden já havia se manifestado como autor ao publicar uma cartilha para o ensino de Língua Alemã (Schaden, 1937), disciplina da qual foi professor por muitos anos. Em parceria com Gioconda Mussolini publica importante obra abordando Trajes e Povos da América Latina (1947), além de organizar duas coletâneas de textos científicos (1972 e 1976) com a finalidade de apoiar o ensino da Antropologia na USP e em outras partes do Brasil. Seus artigos, que somam centenas, foram publicados em diferentes idiomas e em periódicos de diferentes países, carecendo ainda de um criterioso inventário.

O eixo central de sua carreira acadêmica decorreu na Universidade de São Paulo. Tendo iniciado como assistente de Emílio Willems, chegou ao cargo de catedrático de Antropologia, cátedra cuja consolidação se deu sob o seu comando. Por muitos anos realizou pesquisas, enfocando principalmente as questões indígenas, orientou trabalhos de pesquisa pioneiros e ensinou Antropologia em diferentes cursos e de diferentes maneiras. Aposentou-se do Departamento de Antropologia, em 1967, atendendo ao convite da Universidade de Bonn para assumir em caráter vitalício a cátedra de Antropologia. Como o projeto não se

concretizou em virtude de questões familiares, Egon Schaden retornou em seguida à Universidade de São Paulo para iniciar nova jornada onde criou a disciplina de Antropologia da Comunicação como conteúdo da Escola de Comunicações e Artes (ECA). Trabalhou paralelamente, também, em escolas de nível primário e secundário, onde lecionou diferentes disciplinas, inclusive Língua Alemã e História, esta destacadamente no Colégio Visconde de Porto Seguro, na cidade de São Paulo. Entre as diferentes atividades paralelas desenvolvidas ao longo da carreira profissional, o professor Schaden foi conferencista convidado e professor visitante em uma dezena de países, como Alemanha, Canadá, Colômbia, Estados Unidos, Paraguai, entre outros.

Além da produção bibliográfica e de sua enorme dedicação ao ensino, seu legado é composto pelo empenho em divulgar a produção científica da sua área, bem como os feitos da imigração alemã no Brasil, entre o público de língua alemã. Nesse intento fundou, pelo menos, três publicações, duas das quais ainda em circulação e cuja consolidação deve-se ao seu empenho pessoal. A primeira publicação, nascida ainda em 1937, a Revista Pindorama, era editada em parceria com seu pai Francisco Schaden. Tratava de divulgar temas da imigração alemã e estimular a produção de memória sobre os imigrantes alemães no Brasil.

Em 1953 Egon Schaden dedicou-se a dois projetos de revistas que completam agora 60 anos de circulação. A primeira, destinada à divulgação da produção antropológica em língua portuguesa. A Revista de Antropologia surgiu no Departamento de Antropologia e Sociologia da USP por iniciativa de Egon Schaden e sob sua responsabilidade – inclusive quanto ao provimento das necessidades materiais da revista. O fundador não apenas editava o material que recebia para publicação, mas também estimulava os possíveis escritores e revisava seus textos até ficarem publicáveis. Mantinha correspondência com diferentes interessados em muitos países aos quais fazia chegar a revista depois de impressa. Nessa revista publicou contribuições de seu pai, Francisco Schaden, acerca da questão indígena em Santa Catarina. A revista logo se configurou como o órgão oficial de divulgação científica da Associação Brasileira de Antropologia, fundada naqueles anos também com a participação de Egon Schaden.

No mesmo ano de 1953 começa a editar o Anuário Staden, depois renomeado Anuário Martius-Staden, no âmbito da Fundação Visconde de Porto Seguro. Os detalhes da sua criação não são claros, mas o certo é que a revista, desde o início, tratou de publicar, em alemão, contribuições no sentido de aproximar o público de língua alemã dos temas da sociedade brasileira, conspirando dessa forma para o aprimoramento das relações culturais entre Brasil e Alemanha. O caráter de publicação em língua alemã manteve-se ao longo das décadas sendo apenas recentemente incrementado por traduções ao português, culminando

com a publicação bilíngue – o que amplia o acesso da revista ao público brasileiro. A criação do anuário coincide com a maturidade física e intelectual de Egon Schaden que, aos 40 anos de idade, encontrava-se no auge da sua produtividade como antropólogo, escritor, editor e empreendedor em diferentes frentes do campo do conhecimento. Reflete também o seu perfil pessoal de homem entre duas culturas, fluente nos dois idiomas e em outras línguas internacionais, com uma visão cosmopolita da produção científica e ciente de sua responsabilidade histórica frente ao fato de ser egresso de uma família de camponeses imigrantes cujo acesso à escolarização, antes de ser consequência lógica da estrutura social da época, resultou de uma verdadeira dádiva.

No ano em que a Revista de Antropologia e o Anuário Martius-Staden completam 60 anos de existência completa-se também o centenário de nascimento de seu fundador. Além de recordar e comemorar estas marcas fascinantes, é tempo de registrar o que há por ser feito no sentido de preservar a memória de todas estas ações pioneiras. Em Santa Catarina, uma Sessão Especial da Assembleia Legislativa estadual e um seminário de caráter internacional marcam a passagem do centenário de nascimento de Egon Schaden e inicia-se o processo de resgate de seu arquivo pessoal – composto por livros, diários, fotos, filmes e correspondência. A partir desse arquivo espera-se criar um espaço de pesquisa que resgate momentos importantes da ação dos imigrantes alemães no Brasil, especialmente no tocante ao espaço geográfico de sua origem, e seu protagonismo no desenvolvimento do espírito científico do país e do contato intelectual entre Brasil e Alemanha.

O mesmo espírito pioneiro que moveu o jovem Franz Schaden a deixar a Alemanha e construir vida nova no Brasil, moveu também seu filho Egon Schaden a desbravar os caminhos do espírito e ajudar na consolidação da Antropologia brasileira criando diferentes veículos de comunicação para a sua divulgação. Esse espírito trouxe como corolário o propósito de unir as duas culturas das quais partilhava, entre as quais transitou com desenvoltura, sendo o Anuário Martius-Staden, agora com edição bilíngue, um grande legado.

Bibliografia citada

- SCHADEN, Egon. **Pequena Gramática Alemã**. São Paulo: Saraiva, 1937.
- SCHADEN, Egon. **A Mitologia Heroica de Tribos Indígenas do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1945.
- SCHADEN, Egon. & MUSSOLINE, Gioconda. **Trajes e Povos da América Latina**. São Paulo: Melhoramentos, 1947.
- SCHADEN, Egon. **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1954.
- SCHADEN, Egon. **Aculturação Indígena**. São Paulo: Revista de Antropologia 13, 1965.
- SCHADEN, Egon. **Homem, Cultura e Sociedade no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- SCHADEN, Egon. **Leituras de Etnologia Brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.